Edição 13 - Janeiro a Dezembro de 2017

REVISTA BENCHMARKING

APRENDENDO COM OS DETENTORES DAS MELHORES PRÁTICAS

15 ANOS Benchmarking Brasil

INTELIGÊNCIA COLETIVA EM SUSTENTABILIDADE

Especialistas, Cientistas, Ativistas, Lideranças, Gestores, Jornalistas, Artistas e Estudantes

2003-2017

COMISSÃO TÉCNICA

+de 200

Especialistas de 23 países

BANCO DIGITAL

+de 400

Cases, Projetos e APPs Certificados

EVENTOS

+de 100

Fóruns de Sustentabilidade

EMPRESAS

+de 190

Organizações com Cases Certificados

APOIO E PARCERIA

+de 15

Universidades, Escolas Técnicas, Mídias Especializadas, e Instituições Representativas e Governamentais

PÚBLICO

+de 80mil

pessoas tiveram contato com os cases, projetos e APPs Benchmarking

ODS

+de 400

Cases, Projetos e APPs alinhados com os 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável

PAÍSES

+de 20

Países de todos os continentes representados

PUBLICAÇÕES

+de 40

Revistas, Livros e Vídeos

PERFIL

+de 90%

com formação superior

TRABALHANDO POR UMA NOVA CULTURA DE SUSTENTABILIDADE

Sustentabilidade 2018

Posicione-se junto a massa crítica da Sustentabilidade

XV Benchmarking Brasil

Ranking dos Detentores das Melhores Práticas de Sustentabilidade

Selo de sustentabilidade que reconhece, certifica e compartilha as melhores práticas socioambientais aplicadas pelas organizações brasileiras. Em15 edições realizadas certificou 373 práticas de 192 instituições. Em 2015 lançou o terceiro volume da Série BenchMais com os resumos dos cases certificados nas últimas 4 edições. A comissão técnica é formada por especialistas de vários países e a metodologia de seleção dos cases Benchmarking tem o reconhecimento da ABNT. Inscrições de cases: Janeiro a Março de 2018. benchmarkingbrasil.com.br

INTELIGÊNCIA COLETIVA EM
SUSTENTABILIDADE

Editorial

Chegamos a 13a Edição da Revista Benchmarking, e a responsabilidade pelas escolhas dos temas e convidados só aumenta. O que é muito bom. Nos faz sentir em constante diálogo com um leitor atento e ávido por olhares mais profundos em temas de sustentabilidade.

Somado a isto, o compromisso com a inovação nos faz repensar e reinventar a cada edição para assegurar a relevância e atualidade dos assuntos de sustentabilidade, que é o foco principal da revista Benchmarking.

Alguns destaques desta edição: Conseguimos entrevista exclusiva com a escritora, cineasta e fundadora da Local Futures, Helena Norberg-Hodge. Ela é diretora do premiado documentário *Economia da Felicidade,* e Local Futures é uma organização pioneira no movimento da nova economia com programas de *Educação para a Ação.* Helena foi homenageada com o Right Livelihood Award (ou "Alternative Nobel Prize") e recebeu o Prêmio Goi da Paz em 2012. Ela já deu palestras públicas em sete idiomas, e apareceu em transmissões da imprensa e mídia on-line em todo o mundo. E agora, está em Páginas Verdes compartilhando sua visão e experiências com o leitor da Revista Benchmarking.

Fritjof Capra, físico, escritor e ambientalista participa da Galeria *Vozes da Sustentabilidade* com frase inédita, e, jovens empreendedores protagonizam duas histórias de sucesso em uma nova editoria *Jovens em Ação.* Vale a pena conhecer a onda jovem na sustentabilidade transformando realidades de pessoas e regiões.

Isto sem falar dos artigos de especialistas convidados que abordam temas muito atuais: Inovações Disruptivas em Sustentabilidade, Decrescimento - Uma nova Utopia?, e, O que são e como podem ser aplicados os ODS da Agenda 2030 da ONU. Outro destaque importante é a cobertura completa do XV BENCH DAY, comemorando os 15 anos do Benchmarking Brasil - Um programa de difusão e incentivo a adoção das boas práticas nas organizações e sociedade. O Programa Benchmarking com números expressivos de certificações se tornou um legítimo movimento de inteligência coletiva em sustentabilidade. Com tudo isto, fica difícil não ler a 13a edição, não é?

Marilena Lino A. Lavorato
Idealizadora do Programa Benchmarking Brasil

Expediente

13a edição da Revista Benchmarking, Ano 2017. Periodicidade Anual. Editora: Marilena Lino de Almeida Lavorato. Colaboradores desta edição em artigos técnicos: Diego Conti, Elimar Pinheiro do Nascimento, Nina Orlow e Fátima Franco. Capa, Miolo e Diagramação: Gustavo Trentin Prado. Fotos das matérias: Metrópole Filmes e outros. Tradução: Priscila de Queiroz. Produção Executiva: Mais Projetos. Versões: Eletrônica e Impressa. Contato: (11) 3257-9660 ou imprensa@maisprojetos.com.br

A Revista Benchmarking não se responsabiliza pelos conceitos e opiniões emitidos em artigos e frases assinadas, sendo de responsabilidade exclusiva de seus autores. A reprodução, no todo ou em parte, de suas matérias só é permitida desde que citada a fonte e autor.

Sumário

Páginas Verdes — Entrevista exclusiva com especialistas e lideranças em temas atuais e relevantes da sustentabilidade — 5

Benchmarking Inspira — Cases Certificados pelo Programa Benchmarking Brasil. pela excelência das práticas adotadas — 11

Ranking Benchmarking — Quem é quem da Sustentabilidade. Os melhores da gestão socioambiental brasileira — 17

Vozes da Sustentabilidade — Visão e pensamento de Lideranças da Sustentabilidade — 22

Jovens em Ação — Vivências e Ações Transformadoras. A onda jovem da sustentabilidade que está fazendo a diferença — 24

Artigos Técnicos — Especialistas e lideranças da sustentabilidade compartilham suas visões e soluções — 27

Agenda — Eventos e ações que formam massa crítica em sustentabilidade — 42

Helena Norberg-Hodge

A autora e cineasta *Helena Norberg-Hodge* é a fundadora e diretora da organização sem fins lucrativos Local Futures. Pioneira do movimento da "nova economia", ela vem promovendo uma economia de bem-estar pessoal, social e ecológico por quase 40 anos. Ela é produtora e co-diretora do premiado documentário “The Economics of Happiness”, e autora de “Ancient Futures: Learning from Ladakh”, descrito como "um clássico inspirador" sobre o impacto do desenvolvimento ocidental na região de Ladakh, no norte da Índia. Ela já deu palestras públicas em sete idiomas, e apareceu em transmissões da imprensa e mídia on-line em todo o mundo. Ela foi homenageada com o Right Livelihood Award (ou "Alternative Nobel Prize") por seu trabalho inovador em Ladakh e recebeu o Prêmio Goi da Paz em 2012 por contribuir para "a revitalização da diversidade cultural e biológica e o fortalecimento das comunidades e economias locais no mundo todo." Em Páginas Verdes, Helena fala sobre sua visão de mundo e em especial, sobre programas de sustentabilidade que estão transformando realidades locais ao redor do mundo.

Local Futures é uma organização pioneira no movimento da nova economia, dedicada à renovação da comunidade, saúde ecológica e economias locais. Local Futures defende uma mudança sistêmica da globalização econômica para economias locais como um "multiplicador de soluções" que pode resolver muitas das nossas crises globais interligadas ao mesmo tempo. Os seus programas de "educação para a ação" - incluindo filmes, livros, relatórios, workshops, conferências internacionais e recursos on-line - fornecem ferramentas para catalisar a colaboração para mudanças estratégicas nos níveis de base e política.

Qual foi a motivação inicial para a criação do Local Futures? Como tudo começou?

Local Futures (ou, como era conhecido, a Sociedade Internacional de Ecologia e Cultura) tem suas raízes na região de Ladakh, no norte da Índia, onde começou na década de 1970 como um projeto para explorar alternativas ao desenvolvimento convencional. Eu tinha visitado Ladakh como parte de uma equipe de filmagem alguns anos atrás, e fiquei impressionada com o quanto as pessoas pareciam ser felizes lá, e o quão estáveis e resilientes eram suas vidas e meios de subsistência. Mas, ao mesmo tempo, com a abertura de Ladakh ao turismo e a cultura de consumo com a qual, no Ocidente, somos tão familiares, Ladakh começou a enfrentar desafios que não eram conhecidos há cinco ou dez anos atrás - desemprego, pobreza, decadência cultural e ambiental. Assim, Local Futures começou como uma tentativa de apoiar os valores ecológicos, comunitários e espirituais de Ladakh, já que a região foi bombardeada por uma cultura de consumo ocidental. Ao mesmo tempo, procuramos tirar lições de Ladakh que poderiam ser aplicadas em outras partes do mundo que enfrentavam desafios semelhantes - seja em lugares como a Índia ou em países mais "desenvolvidos" como os Estados Unidos. Das minhas conversas e de coisas que escrevi, houve um grande retorno de todo o mundo (meu livro Ancient Futures e um filme que tem o mesmo nome foram traduzidos para mais de 40 idiomas). Mais de uma vez, ouvimos as pessoas dizerem: "a história de Ladakh também é nossa história". O nosso escopo hoje é internacional, mas começou com a seguinte pergunta: como Ladakh pode voltar a ter o controle de seu próprio destino e como nós podemos aprender com o que está acontecendo lá?

Como funciona a Aliança Internacional para a Localização? Em que se concentram suas ações?

A IAL é uma rede de pensadores, ativistas e ONGs dedicadas a explorar visões radicalmente novas de desenvolvimento e progresso. A série Planet Local está ligada à IAL, assim como uma série de webinars que fizemos com questões-chave do debate global-para-local. Também criamos um guia do-it-yourself para grupos e indivíduos que desejam organizar sua própria oficina de Economia da Felicidade, onde podem se juntar com outros membros da comunidade para tomar medidas ativas para fortalecer sua economia local. Também temos uma lista de e-mails que permite a todos os membros compartilhar informações, conversar entre si e colaborar em qualquer projeto específico que lhes seja importante.

O IAL essencialmente abre as pessoas para uma nova "biblioteca" de pessoas e recursos que não teriam acesso de outra forma - e ajuda a aliviar alguns dos sentimentos de desconexão que muitas vezes podem existir - paradoxalmente – para um ativista. E ele ainda está crescendo. Atualmente, temos membros - indivíduos e organizações inteiras - de 58 países diferentes e de todos os continentes, exceto a Antártida.

Na missão da organização vocês citam a promoção da mudança econômica de globalização para localização. De que forma os programas desenvolvidos por vocês auxiliam nessa transição?

O coração do nosso trabalho é promover o conceito de "economia da felicidade" - um reequilíbrio da economia para que a mesma sirva as pessoas em vez de corporações - ou os governos que estão cada vez mais nas mãos dessas empresas. O termo "globalização" foi comercializado como uma forma de criar uma "aldeia global", reunindo o mundo através do aumento do comércio e da comunicação global. No entanto, isso não é o que a globalização fez. Através de tratados comerciais, subsídios e políticas que discriminam as pequenas empresas e que limitam a soberania local, a globalização econômica deu às corporações (e particularmente aos bancos) muita riqueza e poder, enquanto destroem os ecossistemas e o tecido social em todo o mundo.

Apoiar o movimento da nova economia de modo pessoal, comunitário e no nível político é muito importante. Com nossos webinars (digital), workshops e conferências, bem como nossos filmes e publicações, tentamos alcançar pessoas que, de outra forma nunca teriam pensado nessas questões, para que possam se juntar ao que esperamos ser uma massa crítica de defensores de mudanças fundamentais.

A localização - que pensamos ser a maneira mais promissora de neutralizar a globalização econômica - consiste em reduzir a escala da economia, de modo que seja mais favorável à cultura e às empresas locais. Claro, o que exatamente isso implica será diferente em todos os lugares que você olha. Então, quando falamos sobre a renovação das economias locais, grande parte do nosso trabalho consiste dar às pessoas as ferramentas para que se envolvam com outras pessoas em suas próprias comunidades e possam descobrir como torná-las mais resilientes. Temos kits de ferramentas e currículos que as pessoas podem usar para conectar seus amigos, vizinhos e colegas de trabalho.

Criamos uma Aliança Internacional para a Localização, que permite que pessoas de todas as partes do globo compartilhem sabedoria e busquem solidariedade umas nas outras. Nós temos a série Planet Local - um catálogo de iniciativas de localização de todo o mundo - que pode servir como modelos inspiradores para pessoas que procuram começar algo semelhante em sua própria comunidade. E ainda estamos trabalhando em campo em Ladakh, colaborando com ONGs locais e realizando oficinas para turistas e moradores locais para transmitir a mensagem da localização.

Apoiamos organizações de base que estão trabalhando com temas como energia renovável descentralizada, agricultura sustentável, redistribuição de terras, ou redução de resíduos.

Quais são os locais de atuação do Local Futures? As políticas desenvolvidas são as mesmas para todos?

Neste momento, muito do nosso trabalho tem alcance internacional e estamos tentando enfatizar que os princípios da localização - tecnologias de escala humana, modelos de governança em que as pessoas têm controle sobre suas próprias vidas, a relevância e importância do mundo natural - são aplicáveis, não importa onde você esteja. A divisão entre o "Sul do globo" e o "Norte do globo" - em outras palavras, entre os chamados países "*em desenvolvimento*" e países "*desenvolvidos*" - nos mostra isto.

No sul do globo, as pessoas disseram repetidas vezes que seu modo de vida é inferior ao dos americanos de classe média, por isso nos concentramos muito na construção da autoestima cultural. Em lugares como os EUA e Europa Ocidental, nosso foco é revelar os drivers sistêmicos de um sistema econômico destrutivo que a maioria das pessoas não compreende completamente.

Mas em ambas as partes do mundo, apoiamos organizações de base que estão trabalhando com temas como energia renovável descentralizada, agricultura sustentável, redistribuição de terras, ou redução de resíduos. Nos últimos anos, tivemos um impacto particularmente grande na Itália, no Japão e na Coréia do Sul, onde funcionários do governo e grandes organizações estão ativamente alinhados com a perspectiva de empoderar a economia local. É muito emocionante para nós.

O conceito de "economia da felicidade" é o cerne de tudo o que fazemos como uma organização. Trata-se de mudar para um paradigma radicalmente diferente de como as economias deveriam funcionar.

O público que vocês atingem é formado por mais jovens ou adultos? Onde ele se concentra? Tem alguma região em destaque, em que vocês estão mais presentes?

Nosso público rompe com as divisões geracionais. Provavelmente, a maioria deles tem mais de 25 anos, mas, à medida que as injustiças da economia global se tornam cada vez mais óbvias, os jovens que estão começando a participar ativamente da vida econômica estão procurando desesperadamente por algo diferente, e nós acabamos por conseguir alcançar muitos deles.

Eles são aqueles que estão olhando para a possibilidade de uma vida com dificuldades econômicas e degradação ambiental. Mas nossa mensagem ressoa para muitas pessoas mais velhas também, e, de fato, qualquer comunidade saudável deve buscar incluir diferentes gerações, de modo que o conhecimento não escrito e a sabedoria prática não se percam.

A IAL é uma rede de pensadores, ativistas e ONGs dedicadas a explorar visões radicalmente novas de desenvolvimento e progresso com membros de 58 países diferentes e de todos os continentes, exceto a Antártida.

Geograficamente, temos muitos seguidores nos países de língua inglesa, incluindo os EUA, o Reino Unido e a Austrália, mas também temos uma grande e crescente presença na Ásia - particularmente na Índia, no Japão e na Coréia do Sul - e na Europa continental em países como a Alemanha e a Itália. Essas são provavelmente nossas maiores regiões em termos de impacto global.

Mas apenas para dar uma ideia do nosso alcance internacional: um curta-metragem animado que lançamos recentemente, chamado “Going Local”, foi traduzido para mais de 25 idiomas diferentes, incluindo russo, árabe, hindi, tagalo, basco, etc. Indo de encontro com nosso objetivo de “localizar”, tentamos não privilegiar o mundo de língua inglesa à exclusão de outros idiomas.

Vocês desenvolveram um documentário chamado "Economia da felicidade". Como se deu a escolha do tema? E quanto às conferências da "Economia da felicidade", qual a importância das mesmas e quais os legados que elas deixam?

O conceito de "economia da felicidade" é o cerne de tudo o que fazemos como uma organização. Trata-se de mudar para um paradigma radicalmente diferente de como as economias deveriam funcionar. Acreditamos que as economias devem basear-se na ideia de que o bem-estar humano - não apenas a riqueza material, mas o bem-estar mais profundo, vem da conexão com o planeta e com outras pessoas – essa deve ser a principal prioridade. O filme "The Economics of Happiness" trás esse argumento, primeiro mostrando os muitos problemas e "verdades inconvenientes" que acompanham a globalização e, em seguida, destacando como a localização pode nos tirar desses dilemas.

As conferências da Economia da Felicidade, que mantemos desde 2012, são uma maneira de ancorar as ideais e catalisar a ação. Como apresentamos uma perspectiva do "grande retrato" que une o bem-estar humano e ecológico, as conferências são uma oportunidade para reunir ativistas preocupados com toda uma série de questões únicas como pobreza, desemprego, mudanças climáticas e biodiversidade para a ecologia profunda, e espiritualidade. Eles fornecem um antídoto contra a raiva e o desespero, bem como ferramentas práticas para a ação. Além disso, eles conectam pessoas de todo o mundo. As conferências nos permitem formar relacionamentos duradouros com organizações locais que fazem um trabalho de base incrível.

E esses relacionamentos levam a uma colaboração contínua. Nossa conferência na Itália no ano passado, que atraiu 1200 pessoas e teve a cobertura da televisão italiana e dos jornais, será seguida por uma segunda conferência em 2018. Enquanto isso, nossas conferências na Coréia do Sul estão em colaboração com uma aliança de 35 prefeitos e o governo da cidade de Jeonju.

Neste outono, vamos voltar para Jeonju, assim como para os EUA e o Japão, para uma série de conferências organizadas em colaboração com algumas organizações que vem se destacando a nível nacional e local. As conferências são provavelmente o nosso projeto de maior impacto no momento.

Vocês recebem algum incentivo governamental? Participam da formulação de políticas públicas?

Durante muitos anos, nosso trabalho em Ladakh, para promover um caminho de desenvolvimento ambiental, foi financiado por várias agências governamentais da Escandinávia, Alemanha e Canadá. No entanto, ao longo das últimas três décadas, não tivemos nenhum apoio direto dos governos, com exceção da nossa colaboração com a cidade de Jeonju na Coréia do Sul.

A globalização é muitas vezes retratada como um processo "inevitável" ou "evolutivo", mas nunca teria avançado até agora sem o apoio das políticas governamentais. A maioria dos governos continua a implementar políticas amigáveis às empresas, porque os tratados de "livre comércio" permitem que corporações e bancos globais pressionem os governos ameaçando romper participações e se mudarem para outro país ou estado, levando empregos e a vitalidade econômica com eles. Portanto, a política pública hoje está quase em todos os lugares nos empurrando na direção errada: as empresas locais são fortemente tributadas, enquanto as empresas e bancos globais pagam pouco ou nenhum imposto e recebem subsídios consideráveis. Ao mesmo tempo, os governos estão desregulamentando as empresas globais, embora muitas vezes regulem excessivamente empresas locais.

A fim de trazer mudanças fundamentais, é necessária uma aliança ampla das bases, que possa desafiar o poder corporativo. Isso pode parecer impossível, mas porque nossas sugestões são baseadas no senso comum e vão para além da esquerda e da direita, mais e mais pessoas estão saindo em apoio desta agenda.

Qual modelo de governança vocês seguem? Desenvolveram alguma metodologia específica?

Uma vez que somos uma organização pequena, não temos uma hierarquia definida de forma rígida. Minha função é a de diretora, então eu tento estar envolvida com um pouco de tudo, especialmente quando se trata de elaborar a mensagem que apresentamos ao público. Somos uma organização sem fins lucrativos, com tudo o que isso implica - um conselho de administração, a dependência de financiamento de doadores e fundações, etc.

No que diz respeito ao dia a dia da Local Futures, nossas decisões são muitas vezes feitas através de chamadas de grupo pelo skype, já que nossa equipe está espalhada pelo mundo!

Nosso público rompe com as divisões geracionais. Qualquer comunidade saudável deve buscar incluir diferentes gerações, de modo que o conhecimento não escrito e a sabedoria prática não se percam.

Qual o envolvimento do segundo setor com os programas desenvolvidos por vocês?

Nós temos nossa série Planet Local - um catálogo de iniciativas de localização de todo o mundo - que pode servir como modelos inspiradores para pessoas que procuram começar algo semelhante em sua própria comunidade.

Quando falamos de empresas privadas, acreditamos que é extremamente importante distinguir entre as multinacionais globais gigantes e os milhões de empresas de médio e pequeno porte que são mais responsáveis e que contribuem com a sociedade através da tributação. Como mencionado anteriormente, estamos tentando conscientizar sobre a necessidade de regular e taxar as gigantes globais. Como consequência disso, não tivemos colaboração das empresas transnacionais. N o entanto, recentemente as coisas estão realmente começando a mudar. Para o nosso fórum de Economia da Felicidade em Tóquio, neste outono, estamos nos associando com algumas empresas bem engajadas. Dentre elas se incluem a empresa multinacional Muji (que na verdade significa “sem marca”), que está comprometida com produtos de longa duração e resíduos zero; Um dos maiores bancos cooperativos da área de Tóquio; E uma empresa de investimento que investe em pequenas empresas domésticas focadas no meio ambiente. As empresas de pequeno porte de todos os segmentos têm um grande papel a desempenhar no futuro localizado que promovemos.

Portanto, temos muitas relações colaborativas com esses tipos de empresas privadas. Também com alianças de pequenas empresas como a BALLE (Business Alliance for Living Local Economies).

LOCAL FUTURES

Muitas das iniciativas desenvolvidas por vocês se utilizam da comunicação, seja ela audiovisual ou escrita, para divulgar o conhecimento, promover reflexões e ações. O quanto ela representa no atingimento dos objetivos do Local Futures?

Alcançar as pessoas através de múltiplos canais é definitivamente importante, pois nosso objetivo de longo prazo é ajudar a construir os movimentos das pessoas para uma mudança fundamental - longe da hegemonia de corporações e credores internacionais e para economias e comunidades altamente diversificadas e prósperas. Para atrair o interesse de pessoas que possam não estar envolvidas em assuntos como resiliência econômica e segurança ecológica, é importante apresentar essas ideias em múltiplos formatos - blogs, podcasts, webinars, conferências, workshops, filmes animados, até mesmo com quadrinhos.

E uma vez que nossa filosofia da localização une diferentes formas de ativismo em diferentes locais, comunicando-se a diferentes grupos de pessoas e fazendo com que se comuniquem entre si, é um nicho em que nos encaixamos de forma bastante natural.

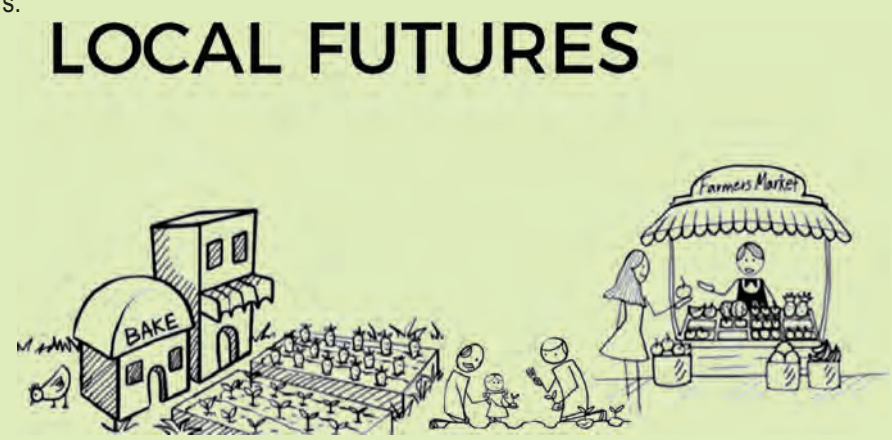
Ao longo dos anos, realmente tivemos um impacto significativo. Por exemplo, estávamos entre os primeiros a promover a ideia da comida local, e nosso livro “Bringing the Food Economy Home” continua sendo um dos únicos livros para promover a comida local globalmente.

O livro fazia parte do nosso Multi-media Local Food Toolkit, que forneceu aos ativistas um arsenal de materiais para usar na promoção da comida local. O Toolkit ganhou um prêmio pela campanha de alimentos da UK Guild of Food Writers.

A comida e a agricultura sempre foram fundamentais para o nosso trabalho em Ladakh. Quando começamos a trabalhar lá em meados da década de 1970, o governo estava apoiando fortemente o uso de agrotóxicos na agricultura. Depois de muitos anos de compartilhamento de informações e colaboração com ONGs locais, as coisas mudaram completamente: hoje há planos para tornar toda a região orgânica, e até mesmo o governo promove a agricultura orgânica agora.

· Encontramos através dos filmes um dos meios mais eficazes de fazer com que as pessoas olhem criticamente para as forças da globalização e visem um futuro mais saudável e mais localizado. Como o filme baseado em meu livro, "Ancient Futures", nosso filme mais recente, "The Economics of Happiness", ganhou inúmeros prêmios do festival de cinema e está sendo usado por pessoas, grupos comunitários, ONGs, instituições educacionais, movimentos sociais, comunidades religiosas e grupos espirituais nos cinco continentes.

· O filme - descrito pelo site ativista Films for Action como *"um dos filmes mais importantes e úteis para a mudança inspiradora que foi feita em uma geração*" - é muitas vezes o trampolim para uma discussão mais aprofundada, ajudando assim a catalisar alternativas locais para a economia global liderada por empresas.



Bench Day, um dia pelo avanço da sustentabilidade no Brasil

Em 29 de de Junho de 2017, estiveram reunidos especialistas, gestores, pesquisadores, ativistas, autoridades e estudantes que atuam com e pela sustentabilidade nas suas organizações, instituições de ensino e comunidades. Aproximadamente 400 pessoas participaram do XV BENCH DAY – o dia dos legítimos da sustentabilidade. O dia de ver a sustentabilidade na prática. De ver a sustentabilidade que deu certo.

OS MELHORES TIMES DA SUSTENTABILIDADE

Com uma programação intensa e simultânea, organizações de 10 diferentes estados apresentaram seus cases certificados pelo Programa Benchmarking em 2017. Instituições representativas, movimentos socioambientais, universidades e escolas técnicas fizeram plantões para demonstração de suas atividades e inovações. Benchmarking na veia, e em tempo real proporcionando a rara oportunidade de ver a sustentabilidade interagir e desenhar cenários futuros. Nomes importantes da sustentabilidade prestigiaram o XV Bench Day que contou com apoios importantes. Apoio Institucional do TRF3 (Tribunal Regional Federal da 3ª Região) e do IAPMEI – Parcerias para o crescimento do ministério de economia do governo de Portugal. E também o apoio de divulgação de diversas mídias especializadas. O XV BENCH DAY se realizou no Hall Nobre do Tribunal Regional Federal da 3a Região (TRF3) – Av. Paulista, 1842 – 25o andar, em São Paulo/SP.

Cecilia Marcondes, Presidente do Tribunal Regional Federal da 3a Região

Gilberto Natalini, Secretário do Verde e Meio Ambiente de São Paulo

Consuelo Yoshida, Desembargadora do Tribunal Regional Federal da 3a Região

Marilena Lavorato, Idealizadora do Programa Benchmarking

Bench Day, um dia pelo avanço da sustentabilidade no País

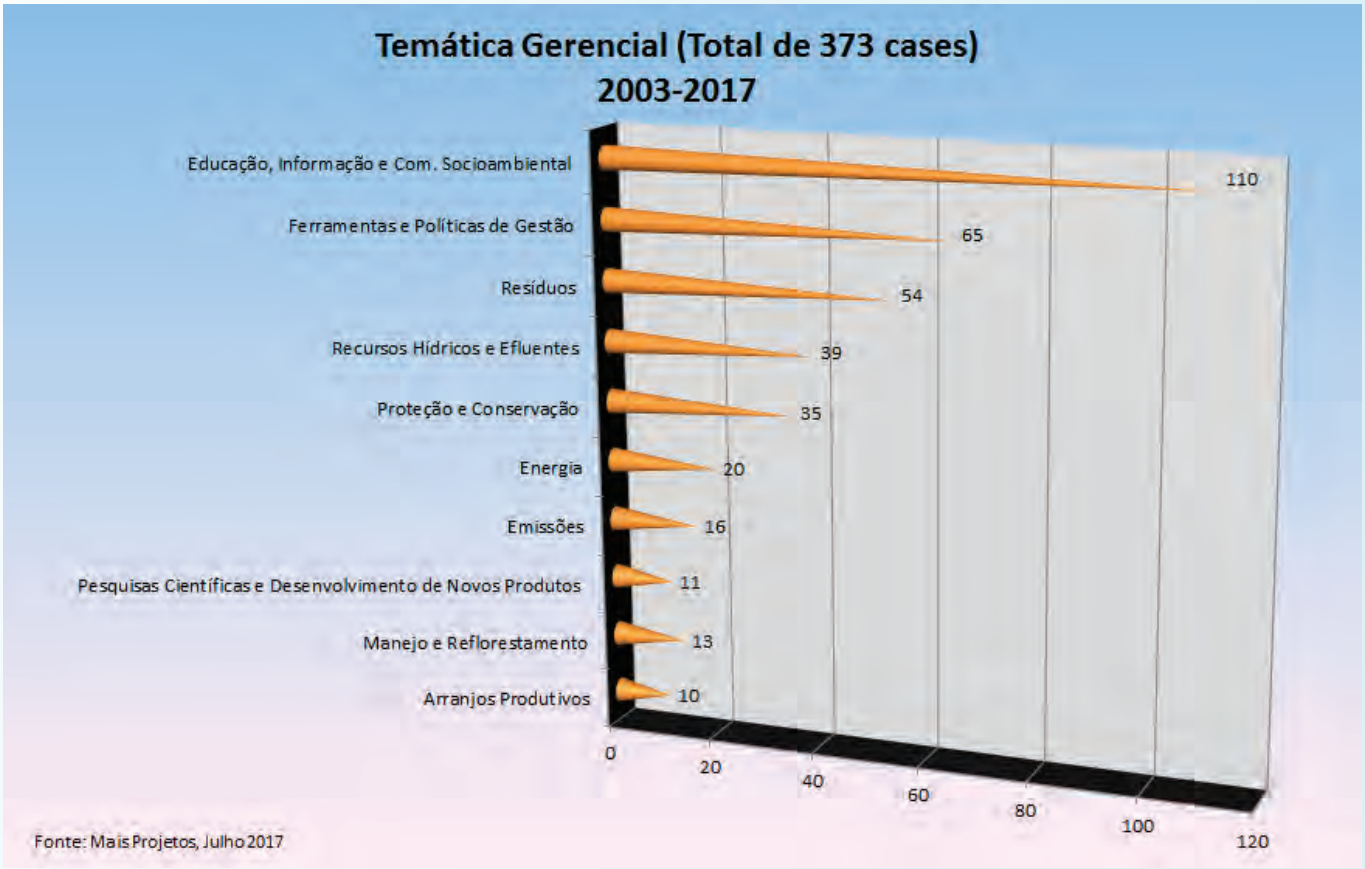
Em 15 edições já realizadas, o Programa Benchmarking se consolidou como um dos mais respeitados Selos de Sustentabilidade do país. Com uma metodologia estruturada e participação de especialistas de vários países, o programa certifica cases Benchmarking pela excelência das práticas adotadas, e também projetos de inovações verdes.

O Programa Benchmarking tem 5 modalidades. A modalidade Senior, já certificou 373 práticas de 190 instituições de 27 diferentes ramos de atividades. Com mais de 200 especialistas de 23 diferentes países participando da comissão técnica, o programa se tornou uma plataforma de inteligência coletiva em sustentabilidade trabalhando com diferentes públicos para fortalecer o movimento das boas práticas junto a sociedade brasileira. Todo este conhecimento aplicado produzido por times de especialistas é compartilhado em publicações especializadas e eventos técnicos. Além do Banco Digital de boas práticas disponível na internet e com grande visitação, aproximadamente mais de 100 fóruns de sustentabilidade já foram realizados. 03 livros publicados (BenchMais 1, 2 e 3) e 13 edições da Revista Benchmarking (versões eletrônica e impressa) distribuídas gratuitamente para público atuante e interessado nesta temática. Em 2013, Benchmarking Brasil foi o grande vencedor (1° colocado) na categoria Humanidades do Prêmio von Martius de Sustentabilidade da Câmara Brasil Alemanha.

Benchmarking em Números

O Programa Benchmarking Brasil divulga anualmente seu relatório com informações consolidadas . Os números impressionam e mostram porque o Programa é considerado a fotografia da gestão socioambiental brasileira, e plataforma da inteligência coletiva em sustentabilidade. Veja os números da modalidade Senior (Empresas e Instituições):

15 edições realizadas
373 cases Benchmarking certificados e organizados em 10 categorias gerenciais
192 organizações dos 03 setores da economia e de 27 ramos de atividades, localizados em 17 diferentes estados da federação
205 especialistas de 23 diferentes países na comissão técnica
01 série com 3 volumes publicados: BenchMais1, BenchMais2 e BenchMais3
01 revista, 13 edições publicadas
01 Banco Digital com livre acesso na internet



BENCH DAY
Inspira

BENCH DAY
Inspira

TOPFIVE

Bench Senior – Organizações

Quem já participou do Programa?

Aproximadamente 200 organizações dos 3 setores da economia e de todo país, tiveram cases certificados. As inscrições ocorrem no período de Janeiro a Março de cada ano.

Como é compartilhado e divulgados os cases Benchmarking?

Em livros e revistas de gestão, além de eventos técnicos, próprios e de parceiros. A série BenchMais possui 3 volumes publicados e a Revista Benchmarking 13 edições veiculadas. Aproximadamente 100 encontros técnicos (Fóruns com públicos especializados) já foram realizados. Um Banco Digital de livre acesso, portais e revistas especializadas publicam os cases Benchmarking.

Quem pode participar do Programa Benchmarking?

Organizações, Pessoas Jurídicas, regularmente instituídas em território brasileiro que tenham projetos de sustentabilidade (social, ambiental ou socioambiental e sociocultural) com pelo menos 1 ano de duração, e que estejam cientes e em concordância com o regulamento da iniciativa. Para saber mais sobre a participação do Programa Benchmarking recomendamos a leitura do regulamento e metodologia.

Quem avalia os cases Benchmarking?

Uma comissão técnica com especialistas de vários países pontuam quesitos dos cases sem ter acesso ao nome da organização. A Comissão Técnica é renovada anualmente e a metodologia de seleção dos cases, reconhecida. Os cases devem atingir um determinado score para serem considerados Benchmarking. Todos os cases são avaliados por todos os integrantes da comissão para a obtenção do score final que é gerado automaticamente no sistema pela média aritmética das notas recebidas.

Há quanto tempo existe o Programa? Quem são os realizadores?

O Programa existe há 16 anos é já realizou 15 edições. Os realizadores são Mais Projetos e Instituto Mais com o apoio de instituições representativas, órgãos governamentais, universidades, escolas técnicas profissionalizantes, e mídias especializadas.

benchmarkingbrasil.com.br

Detentores das Melhores Práticas Socioambientais

Rk	Instituição/Empresa	Case	UF
1º	Itaipu Binacional	Case Plantas Medicinais	PR
2º	SEBRAE Sustentabilidade	Prédio Energia Zero	MT
3º	AURORA ALIMENTOS	Coleta Segura: Destino Ambiental	SC
4º	Coelba Celpe Cosern	Paxuá e Paramim	RJ
5º	Colorado Máquinas	Sustent'Arte Pallets	SP
6º	Kinross Brasil Mineração	Viveiros Comunitários	MG
7º	Cargill Agrícola SA	Campanha pró Código Florestal	SP
8º	VOLTALIA	Projeto Água e Renda	RJ
9º	Fundação Alphaville	Jovem Sustentável Aprendiz	SP
10º	Chesf	Programa Vivendo e Aprendendo	PE
11º	COPEL GET	Programa Linha Livre	PR
12º	Instituto NET Claro Embratel	Educonex@o	SP
13º	SEBRAE Sustentabilidade	Programa de Gestão Sustentável	MT
14º	ALUMAR	Redução da Pegada de Resíduos	MA
15º	VLI	Plantio Social Murtura	MG
16º	Agência Nacional de Águas-ANA	Papel Zero	DF
17º	Instituto do Câncer	BMS - Uma solução inteligente	SP

Projetos de jovens talentos das inovações verdes certificados pelo Programa Benchmarking Brasil
Alunos das Escolas Técnicas do Estado de São Paulo - Centro Paula Souza e SENAI SP

Rk	Instituição Ensino	Projeto Inovação Verde
1º	Etec Prof Carmelino Correa Junior	Cimento Ósseo
2º	Escola SENAI "Fundação Zerrenner"	Cola de bitucas de cigarro
3º	ETEC Trajano Camargo	Plástico comestível
4º	Senai Fundação Zerrenner	Selante de goma de mascar
5º	ETEC Trajano Camargo	Pigmentos de pilhas exauridas

APPs de Sustentabilidade certificados pelo Programa Benchmarking Brasil
Alunos de TI da UNINOVE, SENAI SP e Centro Paula Souza.

Rk	Instituição Ensino	Aplicativo
	Juri Técnico	
1°	Fatec Itu	Terios Saviour
2°	SENAI Santos	Zanki Business APP
3°	Universidade Nove de Julho	REDE VERDE
4°	SENAI Santos	ALERTAR- Sistema de alertar
5°	Universidade Nove de Julho	Freya
	Juri Popular	
	Universidade Nove de Julho	REDE VERDE

Suzana Padua, foi a personalidade homenageada em 2017

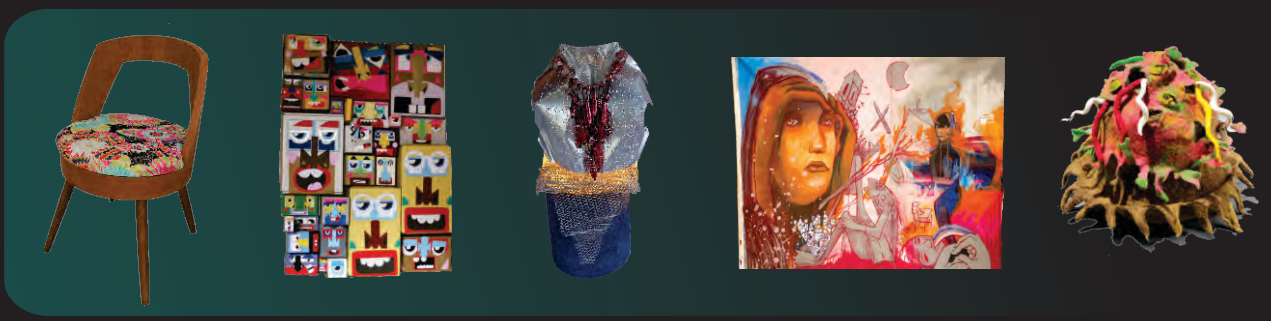
Benchmarking Pessoas 2017 foi para uma personalidade que possui uma linda trajetória de ativismo em defesa do meio ambiente. Grande exemplo de amor a natureza e principalmente de ações práticas em defesa da biodiversidade brasileira.

Suzana Padua, Doutora em desenvolvimento sustentável pela Universidade de Brasília e Mestre em educação ambiental pela Universidade da Flórida (EUA). Ambientalista da Conde Nast Traveler dos EUA em 2003, entre outros. É co-fundadora e presidente do IPÊ - Instituto de Pesquisas Ecológicas e ajudou a criar a Escola Superior de Conservação Ambiental e Sustentabilidade – ESCAS.

Benchmarking das Artes 2017

Artistas Benchmarking 2017

Rk	Artista	Obra
1°	Socorro Silveira	Fênix
2°	BioFa	O BRASIL É UM PAPELÃO
3°	Mag Magrela	Terra Brasilis
4°	Loli Colpa	Dorina
5°	Bel Porazza	Jardim de Inverno



Benchmarking das Artes reconhece e divulga obras de artistas que trabalham a sustentabilidade em suas obras, com ativismo, empreendedorismo, educação e forma de expressão

TUDO COMEÇA COM VOCÊ

ODS: Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Um plano da ONU para superar desafios globais fundamentados em 5 Ps: Pessoas, Planeta, Paz, Prosperidade e Parcerias. Se todos compreenderem a importância destes objetivos e colocarem estas metas no dia a dia, o mundo será melhor.

MINUTO ODS: Uma série de vídeos didáticos que esclarecem o plano da ONU para melhorar o mundo em 17 objetivos e 169 metas. Para saber mais visite o portal socioambientalonline.com.br

Vozes da Sustentabilidade

Frases Inéditas

"Uma comunidade humana sustentável é projetada de tal forma que seus modos de vida - negócios, economia, estruturas físicas e tecnologias - não interfiram na capacidade inerente da natureza de sustentar a vida".

Fritjof Capra
Cientista, educador, ativista e autor de bestsellers internacionais na área de sustentabilidade

“Sustentabilidade é simplificar, ressignificar, otimizar, buscar soluções viáveis e saudáveis para um mundo possível no futuro. Nós, no Tamar, protegemos as tartarugas marinhas através de ações de conservação e pesquisa. Geramos oportunidades de trabalho sustentáveis para as comunidades costeiras que antes viviam da exploração direta desses animais. Essa é a nossa contribuição para a conservação dos oceanos, responsáveis por mais de 70% do oxigênio do planeta.“

Neca Marcovaldi
Oceanógrafa, cofundadora e atual coordenadora de conservação e pesquisa do Projeto Tamar

“A sustentabilidade significa atender às reais necessidades humanas - não as necessidades artificiais e fomentadas pela cultura do consumo - sem degradar o mundo natural do qual depende toda a vida.”

Helena Norberg-Hodge
Escritora, cineasta, fundadora e diretora da ONG Local Futures. Pioneira do movimento da "nova economia"

Vozes da Sustentabilidade

Frases Inéditas

Iara Xavier
Caçadores de bons exemplos, projeto em busca de bons exemplos ao redor do mundo

"O primeiro passo para termos um planeta sustentável é entendermos a interdependência. O conceito de lar é muito mais amplo do que imaginamos como uma simples casa. O planeta Terra é aonde todos nós moramos e quem está dentro dele, é a nossa família. Somos ligados a tudo e a todos! Não seremos felizes se outras pessoas passarem fome ou não tiverem segurança econômica e emocional."

"Não seremos felizes, se a natureza estiver em desequilíbrio. Por isso, acreditamos que as pessoas que estão pensando no coletivo, são extremamente importantes para nos dar o exemplo de parar de falar sobre os problemas e irmos em busca das soluções. Todos juntos para a construção de um mundo melhor!"

Eduardo Xavier
Caçadores de bons exemplos, projeto em busca de bons exemplos ao redor do mundo

Ricardo Cardim
Botânico e criador da técnica "Floresta de Bolso" para ambientes públicos

"O século 21 é o das cidades. Temos que trazer o foco da questão ambiental para as malhas urbanas, reformulando as cidades caóticas e poluídas do século passado para torná-las verdes, resgatando os seus rios e a biodiversidade nativa no cotidiano da população, buscando a harmonia entre a paisagem natural ancestral e a vida moderna. Esse é o desafio atual da sustentabilidade".

Rafael Rip - Idealizador e fundador do Grupo Embatucadores

OS EMBATUCADORES: Alunos de escolas públicas que utilizam o corpo e objetos sucateados para desenvolver performances. Eles têm aulas de teoria musical e expressão corporal, e alguns pensam em levar a música como profissão.

Motivação:

Desenvolver situações de aprendizagem numa ordem prática, onde eu pudesse fazer a mediação artística e não uma aula "convencional" onde o professor passa a verdade e o aluno aceita como um deposito de informações, de maneira conteudista.

Benefícios

Entretenimento, lazer e aprendizado extraclasse, desenvolvimento da inteligência interpessoal, criatividade, desenvolvimento de uma coordenação motora fina, técnicas, escuta musical de todos os tipos de ritmos, sejam eles nacionais e internacionais.

Potencial de replicabilidade

Qualquer tipo de atividade focada requer profundidade, imersão. No nosso trabalho é a mesma coisa. Você não trabalha mais para você, você trabalha para o seu próximo e aí você desfruta dos benefícios conjuntos, coletivos. Eu estou feliz porque eu toco com os moleques, eles são legais pra caramba, e um dia eles vão se formar e irão embora. Tudo bem, eu crio e ensino outros.

Aprendizados

É você direcionar sua vida de acordo com padrões que você estabelece e não padrões estabelecidos pela sociedade. Porque se você estiver em busca da grana, da fama, aí a gente não tem como discutir sobre projeto social, projeto de música, isso é um outro tipo de projeto. Nada contra também. Se ficarmos famosos um dia, muito bem! Mas esse não é o objetivo. O objetivo é fazer esses moleques acordarem para a vida e falaram assim "eu consigo, é só eu focar, ter disciplina, ir para cima", enfim, eu acho que esses são os maiores aprendizados.

Desenvolvimento Sustentável

Construímos alguns pandeiros com garrafas pet, madeira e grampo de grampeador. E ficou incrível! A sonoridade desse pandeirinho é super profunda, limpa. Eu acho que esse é o objetivo do desenvolvimento sustentável, mudar a cabeça na hora de consumir e não somente na hora de descartar ou de reaproveitar.

Rafael Rip, 38 anos, possui formação em música e pós-graduação em artes cênicas. Há trezes anos é professor na Escola Estadual Professor Flaminio Favero, no Jardim Vista Alegre, zona de norte de São Paulo (Brasilândia). É fundador do Grupo Embatucadores, premiado pelo Festival de Música Estudantil, posteriormente ganhou a edição nacional do Festival Adoniran Barbosa e recebeu o "Marco da Paz" pela Associação Comercial de São Paulo. www.embatucadores.com.br

Raphael Vale - Idealizador e Presidente da COOBER

COOBER – Cooperativa Brasileira de Energia Renovável, a primeira cooperativa de energia renovável do Brasil, fundada em 2016 por um grupo de 23 consumidores de energia em Paragominas (PA). Sua missão é envolver as pessoas na criação do novo modelo energético, renovável e descentralizado, em benefício da sociedade e meio ambiente.

Motivação:

Minha participação em 3 conferências do Clima das Nações Unidas, os ODS e agenda 2030 da ONU, em especial o ODS 7 que fala de enegia limpa e acessível, o Acordo de Paris (Conferência do Clima - COP 21), a Resolução normativa da ANEEL 687 que deu a possibilidade de cooperativas realizarem a geração de energia renovável em geração distribuída (GD); entre outros.

Benefícios

O principal benefício é a transformação dos cooperados de consumidores de energia elétrica para prosumidores (produtor +consumidor).

Potencial de replicabilidade

Enorme. Quantas pessoas residem em prédios e imóveis alugados? Milhões de famílias. O grande desafio ainda é o desconhecimento da geração distribuída e as formas de produção de energia renovável, assim como o aprimoramento da regulação e linhas de financiamentos.

Aprendizados

Inúmeros, o futuro do mundo está em uma mudança acelerada. Estamos em uma era de transformações significativas. A matriz energética é uma delas, e sempre que a matriz elétrica muda o mundo todo muda.

Desenvolvimento Sustentável - ODS

Sem dúvida nenhuma o objetivo 7: energia limpa e acessível.

A nossa Cooperativa também tem conexão direta com o combate as mudanças climáticas (ODS 13), infraestrutura, inovação (ODS 9), Cidades e comunidades sustentáveis (ODS 11) além de requer cooperação e parceria pelas metas (ODS 17).

Raphael Vale é Advogado e presidiu a Subseção da OAB de Paragominas (PA) por dois mandados consecutivos (2004-2009), foi Conselheiro Estadual da OAB/PA (2010-2012), foi Membro da Comissão Nacional de Direito Ambiental – CONDA, da Ordem dos Advogados do Brasil (2010-2012), representou a OAB nas Conferências do Clima da ONU, realizadas em Copenhagem/Dinamarca (COP-15) em 2009, em Cancún/México (COP-16) em 2010, em Durban/África do Sul (COP-17) em 2011, assim como na Conferência da ONU de Meio Ambiente RIO+20 em 2012. Idealizador, co-fundador e presidente da Cooperativa Brasileira de Energia Renovável e Desenvolvimento Sustentável – COOBER.

http://coober.com.br

RESÍDUOS RECICLAGEM AUTOMOTIVA ENERGIA TECNOLOGIAS VERDES

ECOMONDO BRASIL
Feira Internacional de Soluções Sustentáveis para o Meio Ambiente

26 a 28 JUNHO 2018
TRANSAMERICA EXPO CENTER
SÃO PAULO

Ecomondo Brasil
Ecomondobrasil

Em 2018, o Brasil recebe a expertise da mais importante feira de economia verde da Europa, a Ecomondo Italia, que deu origem à Ecomondo Brasil -Feira Internacional de Soluções Sustentáveis para o Meio Ambiente.

Saiba mais em: www.ecomondobrasil.com.br

Realização e Organização
EXPO ESTRATÉGIA

Mídia Oficial
Revista meio ambiente industrial
www.rmai.com.br

Apoio
abrecon
abrelpe
AESABESP 30 anos
mais
Instituto Nacional de Reciclagem Automotiva
Prefeitura de São Paulo Verde e Meio Ambiente

ODS TALKS

3º Encontro Nacional dos Profissionais pelo Desenvolvimento Sustentável

abraps

Participe! Venha debater conosco.

abraps.org.br

Por Diego Conti

Inovações Disruptivas em Sustentabilidade

O mundo vive um momento de importantes transformações e crises profundas. As crises de ordem social, econômica e ambiental trazem consigo a oportunidade de repensarmos o modo como os indivíduos se comportam, como as organizações se desenvolvem e os modelos de como a sociedade se organiza. A inovação disruptiva passa a ser um elemento fundamental para a reinvenção da sociedade e a formação de um novo conjunto de valores para os indivíduos.

Nos últimos 100 anos o mundo viu inovações que transformaram diferentes dimensões e setores da sociedade, passando pela criação da indústria automobilística, a invenção da penicilina, o desenvolvimento do computador, o surgimento da internet, a realização das primeiras missões espaciais, o mapeamento do genoma humano, as inúmeras inovações em saúde e biotecnologia, o surgimento da computação em nuvem e os inúmeros dispositivos móveis. Isso mostra que o mundo está em constante movimento e evolução.

Neste cenário, a internet vem transformando a forma como as pessoas se relacionam umas com as outras, alterando os sentidos de vínculos e de relações. O sociólogo polonês Zygmunt Bauman tratou brilhantemente sobre este assunto em seu livro 'Modernidade Líquida', o qual teve a primeira publicação nos anos 2000. Na obra, Bauman falava dos impactos e transformações que a internet traria para as relações sociais, o que gerou efeitos na dinâmica política e no comportamento da sociedade.

A difusão da internet está indo além da forma em que nos relacionamos uns com os outros. Ela tem alterado a maneira como os indivíduos se educam, as formas de democracia, os meios de produção, os canais de difusão do conhecimento e alterado os sistemas organizacionais.

Isso já era deslumbrado pelo sociólogo Manuel Castells na década de 90, momento em que ele discutiu este tema em sua obra 'A Sociedade em Rede', um livro que se mantem atual apesar de ter sido escrito há duas décadas.

Neste caminho, em 2014 tive a oportunidade de desenvolver um trabalho sobre novas tecnologias e inovação em cidades na África, o qual teria como objetivo implantar sistemas de cidades inteligentes para auxiliar governos subnacionais no desenvolvimento do país. Tratava-se de um trabalho de consultoria internacional, mas que ganhou um novo sentido durante uma visita que realizei a uma cidade próxima à fronteira da República do Congo.

Naquele ano o principal desafio dos países africanos era conter a epidemia de ebola, contudo diversos outros problemas e desafios existiam naquela região, como a falta de recursos econômicos atrelada à corrupção, a carência de programas para a redução das infecções de HIV/AIDS, a escassez de água potável, de energia elétrica ou até mesmo de alimentos frescos.

Foi naquela visita a Cabinda em Angola que percebi o quanto a ausência de tecnologia, como o acesso à internet, gerava a propagação dos efeitos negativos apontados até aqui, pois impedia o acesso a difusão de informação e de conhecimento, elevando, por exemplo, as taxas de infecção do vírus HIV/Aids por total falta de acesso à informação sobre os meios de prevenção ou de transmissão. Além disso, a ausência de informações impede o desenvolvimento de tecnologias sociais ou de ações para conter a pobreza.

Em realidades como a da África, a difusão de conhecimento a partir da internet com a utilização de computadores e dispositivos móveis pode auxiliar nações a darem um salto de qualidade e de desenvolvimento, além de facilitar a utilização e distribuição de recursos essenciais à vida humana e de permitir a replicabilidade de experiências e tecnologias sociais, construindo um horizonte para a sustentabilidade.

Neste cenário, percebe-se que as inovações para sustentabilidade se colocam como uma das grandes alternativas para o desenvolvimento inteligente no século XXI. Estas inovações podem ser disruptivas e estão cada vez mais atreladas ao nascimento de uma nova economia, à qual é verde, compartilhada e circular. Isso pode ser verificado ao percebermos que plataformas de negócios digitais já possuem um valor de mercado superior a indústria de petróleo.

A economia verde tem como objetivo criar um modelo de desenvolvimento econômico que resulte em bem-estar social e que reduza os riscos ambientais e a escassez ecológica. Além disso, foi um dos temas centrais da Rio+20 realizada em 2012 no Rio de Janeiro pela Organização das Nações Unidas (ONU). Trata-se de uma importante saída para crise econômica que afeta o Brasil e outros países em todo mundo.

O desenvolvimento de uma economia mais verde poderia, por exemplo, reaquecer o mercado de eletroeletrônicos, com a produção e venda de equipamentos mais eficientes, com materiais reciclados e ou reutilizados e de maior durabilidade. Além disso, otimizar a indústria automotiva através da produção de veículos elétricos e transformar a indústria de petróleo em uma indústria de energias limpas, alterando a lógica e reinventando o mercado. Isto alavancaria milhões de novos empregos em todo o mundo, como relatado na obra de Jeremy Rifkin sobre 'A Terceira Revolução Industrial'.

Além disso, a economia mais verde poderia melhorar os sistemas de produção e distribuição de alimentos, reduzindo desmatamentos e a utilização de defensivos agrícolas através da pesquisa e da inovação dos meios produtivos, incentivando a produção de alimentos orgânicos e quebrando a lógica de especulação do mercado. Isso colocaria a alimentação saudável como um elemento essencial para o desenvolvimento da vida humana.

Outra vertente importante neste processo de evolução e amadurecimento dos meios econômicos é a economia de compartilhamento, a qual está cada vez presente no mundo e vem mudando a relação dos indivíduos com os seus hábitos de consumo. Isso significa que cada vez mais as pessoas irão compartilhar bens ao invés de adquiri-los, tornando o consumo uma atividade responsável no que se refere à sustentabilidade socioambiental.

Nesse caminho, a ideia de propriedade privada se move para o sentido de propriedade compartilhada, como uma maneira de utilizar melhor os bens e serviços e promover o desenvolvimento econômico de uma maneira inovadora. A alteração dos hábitos dos consumidores está alavancando setores inexistentes até o início desta década, como o de compartilhamento de veículos através de aplicativos e até mesmo o compartilhamento de moradias por meio de plataformas virtuais. Isso evidencia a importante transição que estamos vivendo.

A economia circular, por sua vez, defende a criação de um modelo que permita o reaproveitamento sistemático de tudo o que é produzido, transformando a ideia de processos produtivos lineares em processos circulares, ou seja, onde resíduos são reaproveitados para a geração de novos bens ou serviços. Em 2015 realizei parte do doutorado em uma universidade na Alemanha, país que tem uma das maiores taxas de reciclagem da Europa e do mundo.

Naquele momento ficou claro que um processo eficiente de reciclagem depende da geração de infraestrutura por parte do Estado, de atitude e consciência da sociedade e de uma mudança de cultura para sustentabilidade por parte do mercado. A integração destas variáveis pode alavancar uma economia mais verde e circular. Isto pode ser ilustrado.

Por inúmeras vezes que fui ao supermercado na Alemanha me deparei com pessoas levando as suas próprias sacolas para carregar as suas compras, retornando embalagens de bebidas em máquinas com este propósito e optando por produtos com embalagens mais simples ou de menor impacto para o meio ambiente. Do mesmo modo, os governos municipais dispunham de ampla infraestrutura e informações para o descarte correto dos resíduos, despertando a partir disso a consciência dos indivíduos para a sustentabilidade. Para completar esta rede, o mercado alemão persegue constantemente inovações para tornarem os seus produtos mais sustentáveis e contribuir com essa importante cadeia econômica.

É importante ressaltar que estas transformações socioeconômicas se materializam a partir de uma mudança significativa no conjunto de valores dos indivíduos, criando um senso de responsabilidade com a sua comunidade e com o planeta.

Trata-se de uma perspectiva altruísta em detrimento de um comportamento egoísta. Isso depende de uma mudança de cultura.

No intuito de alavancar o desenvolvimento sustentável no planeta, em 2015 foram lançados os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

Trata-se de uma agenda com 17 objetivos e 169 metas para sustentabilidade. Neste ponto ressalta-se o ODS número 11, que trata de Cidades e Comunidades Sustentáveis.

A literatura e uma série de estudos indicam que as grandes transformações sociais partem dos governos locais, uma vez que os cidadãos vivem e se desenvolvem nos municípios.

Assim, as cidades sustentáveis podem ser a resposta para mitigar os efeitos negativos das mudanças climáticas e de outras problemáticas da sociedade, construindo a agenda de futuro que tanto se deslumbra e servindo como um laboratório para inovações que podem melhorar a nossa qualidade de vida.

Os dados demográficos atuais apontam que mais de 54% da população mundial vive em cidades, colocando este campo de estudos como um dos principais temas desse século e um eixo central para geração de inovações disruptivas para a sustentabilidade a partir de cidades mais inteligentes. Destaca-se que no Brasil a taxa de população urbana é ainda maior, chegando a aproximadamente 85%, o que corresponde a mais de 185 milhões de brasileiros.

A melhoria das condições de qualidade de vida nas cidades passa pelo desenvolvimento de tecnologias capazes de ampliar os benefícios da sustentabilidade, criando uma nova visão de futuro e condições para o desenvolvimento da vida saudável no ambiente urbano. As tecnologias podem contribuir com uma melhor qualidade da água, maior segurança e acesso à educação.

Em termos conceituais, vale ressaltar que as cidades sustentáveis são aquelas que equilibram o seu crescimento econômico com a preservação da natureza e dos bens naturais, além de possibilitar a inclusão social e a igualdade de oportunidades entre os indivíduos, balanceando as dimensões fundamentais do tripé da sustentabilidade. De tal modo, a utilização de tecnologias e da internet podem auxiliar na construção deste equilíbrio.

Em todo o mundo já existem exemplos de práticas e casos que podem ser adotados por cidades que buscam o desenvolvimento sustentável, como a expansão da utilização de veículos elétricos na China, o tratamento de água e esgoto de alta qualidade dos Estados Unidos ou a descentralização da matriz energética a partir de fontes renováveis na Europa.

Trata-se de uma questão de buscar informações, estabelecer planos e prioridades.

Ainda, destaca-se que a utilização de novas tecnologias para o desenvolvimento de cidades mais inteligentes pode otimizar os sistemas de mobilidade das cidades, o que implicaria em uma melhora significativa da qualidade do ar, na redução do tempo médio de deslocamento dos cidadãos e na otimização da logística de mercadorias e alimentos nos centros urbanos.

Em uma perspectiva sistêmica, por exemplo, melhorar a qualidade do ar significa reduzir o número de internações nos hospitais, minimizar os óbitos relacionados a poluição atmosférica e a doenças respiratórias. Isso reduz significativamente os custos de saúde pública e a necessidade arrecadação de impostos para este setor, permitindo investimentos em outros setores e melhorando a economia das famílias. Além disso, a melhoria da qualidade do ar pode tornar uma cidade mais atrativa para investidores e mão de obra especializada, alavancando o seu desenvolvimento econômico e o seu capital intelectual.

A visão sistêmica é um elemento fundamental quando se trata de gestão e de inovações disruptivas em sustentabilidade. Para isso, sistemas de big data e de análise podem auxiliar gestores públicos e privados a entenderem fenômenos a partir do cruzamento de dados, variáveis e do levantamento de um diagnóstico profundo para a tomada de decisões assertivas e de longo prazo. Isso pode ser exemplificado.

Tratando-se de saúde, por exemplo, um sistema de big data pode concentrar os dados das internações em uma cidade nos últimos 30 ou 50 anos e, ao mesmo tempo, dados sobre taxa de poluição das águas e do ar, o número de áreas verdes, taxa de domicílios com saneamento básico, utilização de agrotóxicos nos alimentos e assim por diante.

Nesse caso, a junção de uma base significativa de dados somada a um sistema de análise poderia apontar as principais causas das doenças, criando alternativas não paliativas e planos que tornem a população mais saudável ao invés de manter a lógica de aumentar a arrecadação para ampliação da rede de saúde, o que hoje é o mais comum em diversas partes do mundo onde existem sistemas públicos de saúde. Esta lógica vale para outros setores.

Diante disso, percebe-se que este século será influenciado por tecnologias capazes de armazenar dados e transformá-los em informação, gerando relatórios em tempo e possibilitando uma maior eficácia para as organizações. Isso se potencializa com a expansão da internet e da utilização de smartphones, os quais geram dados sobre mobilidade, estilo de vida e opinião em tempo real, permitindo que empresas e governos adequem cada vez mais as suas estratégias para a satisfação dos consumidores e cidadãos.

É importante destacar que a tecnologia por si só não tem a capacidade de alavancar a sustentabilidade, sendo necessária à sua utilização com este propósito e com valores éticos. Neste caso, pode-se dizer que o bom funcionamento do hardware depende de um software que objetive a construção de um mundo melhor, ou de forma metafórica, as máquinas são o hardware e os seres humanos que as programam o software.

O protagonismo das cidades e as inovações disruptivas para a sustentabilidade são drivers inerentes ao futuro da humanidade. As inovações estarão cada vez mais presentes em nosso cotidiano, mudando paradigmas e reformulando a maneira de enxergar o mundo, como nos relacionamos e criando o ambiente necessário para o desenvolvimento de uma nova economia. Trata-se de uma grande onda, a qual vai influenciar diferentes setores e organizações, melhorando a qualidade de vida das pessoas e permitindo o desenvolvimento das gerações futuras.

Diego Conti, consultor internacional, palestrante, pesquisador e professor de pós-graduação do mestrado em Cidades Inteligentes e Sustentáveis da UNINOVE. Já atuou em instituições como a Fundação Instituto de Administração (FIA), a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE) e como pesquisador do Núcleo de Estudos do Futuro (NEF) da PUC-SP. Doutor em administração com foco em "governança local e cidades sustentáveis" pela PUC-SP e pela Leuphana Universität Lüneburg na Alemanha. Atuou em um programa de desenvolvimento local na África, capacitando os governadores de Angola na área de cidades inteligentes.

Por Elimar Pinheiro do Nascimento

Decrescimento: Uma Nova Utopia?

Falar em decrescimento em um país que se encontra pelo terceiro ano seguido em recessão econômica, com mais de 13 milhões de desempregados, parece um despropósito. E, no entanto, foi este o nome escolhido por um movimento intelectual que tomou consciência, nos anos 1970/1980, dos limites dos recursos naturais e das fontes energéticas. Em 2012 os visitei no Congresso Internacional em Barcelona apresentando um trabalho sobre o banco de Palmas de Fortaleza. Entrevistei vários de seus líderes e a alguns fiz a pergunta: Por que vocês escolheram um nome tão antipático para o movimento? De propósito, foi a resposta unânime que escutei. "Dessa forma, o establishment não se apropriará de nossas ideias e movimento como fizeram com a expressão desenvolvimento sustentável, tornando-a uma banalidade, além de ser, em si, um oximoro. Afinal, desenvolvimento implica em crescimento econômico, e este é a negação da sustentabilidade", disse-me um dos líderes catalão.

Apesar da antipatia aparente o Decrescimento não significa que temos que simplesmente reduzir a produção e o consumo, o que para certos segmentos socais pode significar a morte ou o mal-estar. A proposta é mais complexa, e tem sido construída ao longo de décadas.

Para os líderes do movimento do Decrescimento, como Serge Latouche, a sustentabilidade só será possível se abandonarmos o mito, a ideologia, do crescimento econômico permanente, por meio da acumulação indefinida de bens, crescentemente supérfluos. Sustentabilidade aqui entendida como a capacidade de um sistema, natural ou social, de se reproduzir "ad infinitum". Assim, se retiramos recursos de um ecossistema acima da sua capacidade de reposição ele findará, ou seja, não é sustentável. De forma idêntica, se retiramos da natureza recursos em um volume superior à sua capacidade de reposição ela tenderá a fenecer.

E é o que está acontecendo com o planeta terra. Nosso nível de consumo hoje demanda uma Terra e meia, segundo a metodologia da pegada ecológica (volume de terra e água necessário para a reprodução dos humanos). Ou seja, estamos consumindo o estoque existente no planeta, e que em breve deverá começar a se esgotar. Por isso, temos hoje perda de biodiversidade, morte dos oceanos, crise hídrica, desertificação crescente e um aquecimento global que irá impactar negativamente nossa economia de uma forma avassaladora nas próximas décadas. Aliás, já está impactando.

A noção dos limites que a finitude dos recursos naturais impõe ao crescimento econômico não é uma ideia de hoje. Ela data da década de 1970 e mesmo antes quando Paul Ehrllch, em 1968, publicou The Population Bomb. Em 1972 surgiram, simultaneamente, o trabalho de Georgescu-Roegen - The Entropy Law and the Economic Process, e o famoso trabalho do casal Meadows e colaboradores – Os limites do crescimento. Dois trabalhos de natureza distinta, o primeiro articulando a biologia e a economia, com a lei da entropia, para mostrar que seria impossível o crescimento econômico "ad infinitum"; e o segundo, por meio de cenários, mostrando que a persistir as variáveis demográfica e econômica, o mundo produtivo tenderia a entrar em colapso.

O primeiro passou relativamente em silêncio, redescoberto vinte anos depois, e o segundo tornou-se, imediatamente, um best-seller.

Mas, os estudos e debates sobre os limites do crescimento econômico foram objeto de várias outras publicações ainda naquela década, em particular o trabalho de Celso Furtado (O mito do desenvolvimento econômico) e o de Laszlo, Strategy for the future, ambos de 1974. O primeiro sinalizando a impossibilidade de se generalizar o modo de vida dos americanos no mundo em ascensão demográfica, enquanto o segundo, partindo de premissas similares, prevê uma "homeostase global, quase estacionária" para a economia. Nenhum prega propriamente o decrescimento, mas mostra, com argumentos distintos, a impossibilidade de se disseminar o modo de vida dos países do Norte. Com a ascensão da economia asiática, e particularmente a Chinesa, no final do século passado, a situação apenas piorou.

Desde, então, proliferaram os estudos a respeito dos riscos de se manter uma trajetória de crescimento econômico como o mundo conheceu desde o século XIX e ao longo de todo o século XX. No texto Décroissance, com Colares, mostrei vários antecedentes do movimento do Decrescimento que surge na década de 1990, em particular Ivan Illich, que estudando campos distintos como o da saúde, energia, educação e transporte, mostra como em um certo momento se alcança o clímax e, desde então, os esforços são sempre menores em relação aos benefícios, até um momento em que há uma inflexão, e os malefícios tornam-se maiores.

Os "decrescentistas" acreditam que a Humanidade está chegando a este ponto, e que é necessária e urgente uma inflexão nos parâmetros de produção e de consumo.

Mudanças drásticas, segundo o Decrescimento, serão necessárias para atingirmos uma situação de sustentabilidade. Se quisermos evitar um colapso como anunciado recentemente pelo australiano Paul Gilding (A ruptura, 2012). Ou, se quisermos alcançar uma situação de prosperidade sem crescimento, como propôs o britânico Tom Jackson.

Há sempre quem argumente que todos estes estudos remetem apenas a previsões que não ocorrerão, pois, a Humanidade saberá resolver os problemas que o crescimento econômico produz, como sempre o fez ao longo de sua história. O problema neste raciocínio é o risco nele embutido: e se não ocorrer a solução antes do desastre? Não é melhor evitá-lo? Há processos que se alcançam um certo nível será impossível inverte-lo em anos ou décadas, são necessários séculos.

Os defensores da ideia do Decrescimento estão absolutamente convencidos de que a manutenção do ritmo de crescimento, do atual padrão de produção e consumo, com uma massa de 120 milhões de pessoas chegando ao mercado a cada ano, é impossível, e o desastre será inevitável. As crises, guerras, migrações e eventos críticos naturais tenderão a crescer com perdas humanas consideráveis. E os indícios apenas se acumulam com o aumento constante da temperatura, o degelo dos polos, o aumento da poluição e dos eventos climáticos críticos, como seca, enchente, furacão, tempestade.

Para isso eles, propõem que os países do Norte reduzam simplesmente seu consumo, os países em desenvolvimento redefinam seu desenvolvimento e os países pobres optem por um caminho distinto de bem-estar, sem destruição dos bens naturais. No caso do Brasil, por exemplo, seria importante reduzir a produção do automóvel em desfavor do crescimento da produção de ônibus, trens, metros e bicicletas, aumentando e melhorando radicalmente o transporte público em desfavor do transporte individualista. Teríamos menos gastos com manutenção de ruas e estradas, teríamos menos stress indo ou vindo do trabalho e teríamos menos mortes e acidentes de trânsito.

Em síntese, os defensores do Decrescimento pregam a saída da encruzilhada em que nos encontramos por meio da revolução dos erres. Citemos alguns.

Reduzir o consumo, as embalagens, a produção de resíduos sólidos e os desperdícios em geral. Mas também a emissão de gases de efeito estufa, substituindo os combustíveis por fontes limpas de energia (descarbonizar a economia).

Reutilizar os materiais para não precisar produzir mais, incluindo o prolongamento do ciclo de vida das mercadorias. Reciclar, reaproveitando, dessa forma, matéria prima para novos produtos e economizando recursos naturais. Realocar, para gastar menos com transporte, tanto das mercadorias quanto das pessoas. Como dizem os especialistas, o melhor transporte é o não transporte, quando você pode ir de sua residência ao trabalho, à escola ou às compras, com seus próprios meios, a pé. Reestruturar a forma de produzir, em função das reais necessidades das pessoas, com produtos mais duráveis e menos matéria prima e energia (desmaterialização da economia).

Redistribuir a riqueza produzida para que todos tenham o mínimo para uma vida digna. Mas, todas estas mudanças e novas atitudes só serão possíveis com uma reconceitualização de nossos valores e estilos de vida. A disseminação de uma cultura da austeridade, do não desperdício, e da abundância frugal, que permita a ampliação do bem-estar sem degradação ambiental. A compreensão de que a felicidade e o bem-estar não residem no acúmulo de bens materiais, mas em seu uso racional e saudável.

A ideia de bem-estar não pode ser interpretada como decorrente do crescimento do PIB, pois, é uma falácia. Afinal, este pode crescer sem que nossa felicidade aumente. O aumento de automóveis faz o PIB crescer, mas provoca um crescimento nos acidentes e mortandade, e não necessariamente um bem-estar para a maioria das pessoas. E pior, a produção de armas aumenta o PIB, mas a que preço, enquanto o plantio de hortas domiciliares ou urbanas para autoconsumo não muda uma virgula do PIB, mas pode melhorar a qualidade da alimentação das pessoas envolvidas, a sua solidariedade e cooperação, a camaradagem, além de trazer mais prazer na oferta das refeições aos amigos.

Ideia de uns poucos, gradativamente o Decrescimento ganha novos adeptos, novos conceitos, novas proposições, novos campos de ação. Em 2006 foi criado na França um partido político de defesa do Decrescimento. Os intelectuais da teoria da dádiva, em particular do MAUSS (Mouvement anti-utilitariste en sciencies sociales), por meio da noção da convivialidade, inicialmente difundida por Ivan Illich, aproximam-se do Decrescimento, assim como Boaventura dos Santos, com a ideia da epistemologia do Sul e a defesa da proposição do Bem Viver, concepção originária dos indígenas dos Andes.

No Brasil o economista Lara Rezende tem demonstrado que a ideia do Decrescimento deve ser considerada, e mesmo Delfin Neto admitiu recentemente que a ideia dos limites do crescimento é real e precisa ser levada em conta. Ou seja, mesmo os economistas do establishment começam a concordar que os limites naturais ao crescimento econômico é um fato, o que obriga a mudanças em nossas formas de produzir e consumir.

Aos poucos abre-se, com o Decrescimento, uma reflexão sobre a possibilidade de uma trajetória que permita a humanidade conviver decentemente, com conforto, sem desperdício e sem discriminação. Trata-se, sem dúvida, de uma utopia, mas em um mundo desesperançado as utopias são sempre bem-vindas, pois são elas que podem nos proporcionar um mundo mais justo, mais tolerante e mais saudável.

Elimar Pinheiro do Nascimento, Doutor em sociologia pela Université René Descartes; e professor sênior do Programa de Sociedade e Sustentabilidade na Amazônia da Universidade Federal da Amazônia (UFAM).

Por Nina Orlow e Fatima Franco

O que são e como podem ser aplicados os ODS da Agenda 2030 da ONU

Uma trajetória importante para humanidade

Desde 1945, quando foi fundada a Organização das Nações Unidas - a ONU, tivemos a oportunidade de ampliar a visão global para os desafios do mundo. A organização internacional que tem seis órgãos principais: a Assembléia Geral, o Conselho de Segurança, o Conselho Econômico e Social, o Conselho de Tutela, a Corte Internacional de Justiça e o Secretariado e Comissões Regionais, conta atualmente com 193 Estados Membros, entre eles o Brasil.

Organiza-se em um sistema complexo pela abrangência e funcionamento, tendo como principais objetivos unir os países-membros e trabalhar pela paz, a garantia de direitos fundamentais, pela dignidade e bem estar e nos valores do ser humano, como consta na Carta "igualdade de direitos dos homens e das mulheres, respeito às obrigações decorrentes de tratados e de outras fontes de direito internacional possam ser mantidos, e a promover o progresso social e melhores condições de vida dentro de uma liberdade mais ampla." *https://nacoesunidas.org/organismos/organograma/

Ao longo de sua trajetória foram promovidas diversas Assembléias e Conferências que se tornaram marcos e referências para a humanidade, como a Declaração Universal de Direitos Humanos (1948), ou a Conferência de Estocolmo (1972), que foi a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente Humano e que representou o primeiro grande passo em busca da superação dos problemas ambientais.

A década de 90 marcou o amadurecimento global sobre a visão de integração e interdependência da humanidade com o meio ambiente, culminando na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento – CNUMAD, que ocorreu no Rio de Janeiro em 1992, ou a Rio-92. Foram estabelecidas diversas Declarações e Convenções, entre elas a Agenda 21 Global. O documento composto de 40 capítulos, consagrou a partir do Relatório Brundtland o conceito de Desenvolvimento Sustentável, como o equilíbrio e a integração da justiça social, a proteção ambiental e a eficiência econômica. Tornou-se um instrumento de planejamento para a construção de sociedades sustentáveis, garantindo o bem-estar de futuras gerações.

Em 2000, a ONU promoveu a Cúpula do Milênio, com a assinatura por todos os países membros da Declaração do Milênio, um plano que deveria ser cumprido até 2015: a implementação dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, chamados como "Os 8 jeitos de mudar o mundo", os ODM e o alcance de diversas metas.

O esforço de ações dos governos, de empresas e de cidadãos, resultou na melhoria dos indicadores de vários países em desenvolvimento em relação a graves problemas de desigualdade social, como a diminuição da fome, da mortalidade infantil, da mortalidade materna, acesso à educação e a igualdade de gênero.

Em 2012 é realizada no Rio de Janeiro a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20. Nesse encontro iniciou-se o diálogo entre os estados membros e no evento paralelo, a Cúpula dos Povos propostas da sociedade civil, para a próxima a agenda Pós 2015, para todos os países membros da ONU.

Especialmente foram questionadas pelos movimentos sociais as causas estruturais das crises e as falsas soluções das corporações e da iniciativa

privada, a chamada economia verde. Após a Rio +20, ficou evidente a necessidade de construção conjunta de uma agenda abrangente que incluísse todos os países-membros e com participação da sociedade civil.

Assim, na Cúpula de Desenvolvimento Sustentável, em setembro de 2015, NY, na sede da ONU, foi adotada oficialmente por 193 países-membros, a nova agenda, com o título: "Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável".

Resultado do trabalho de mais de 2 anos de intensos diálogos e elaborado com consulta pública e engajamento da sociedade, foi estabelecido no âmbito dos países membros da ONU, um dos compromissos mais ambiciosos, uma Agenda comum de responsabilidade para os governos, empresas, academia e toda a sociedade.

Essa agenda também criou uma base comum para os departamentos e agências da ONU (FAO, FMI, OIT, ONU Mulheres, OMPI, ONU-HABITAT, OPAS-OMS, PMA, PNUD, PNUMA, IT,UNAIDS, UNESCO, UNFPA, UNIC Rio, UNICEF, UNV) facilitando a relação e os diálogos com os países membros e suas instituições, definindo estratégias e iniciativas conjuntas, promovendo entendimentos para proporcionar respostas coletivas no marco dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2017/01/Marco-de-Parceria-para-o-Desenvolvimento-Sustent%C3%A1vel-2017-2021.pdf

No preâmbulo da Agenda 2030, é dado destaque à importância da Prosperidade para as Pessoas e o Planeta, com Parcerias e Cultura de Paz – os chamados 5 Ps.

www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/post-2015.html

Integram a Agenda 17 Objetivos e 169 metas integrados e indivisíveis, e mesclam, de forma equilibrada, as três dimensões do desenvolvimento sustentável (social, ambiental e econômico).

Com destaque ao desafio do combate à pobreza no mundo, a agenda deu ênfase que "ao embarcarmos nesta grande jornada coletiva, comprometemo-nos que ninguém será deixado para trás".

Por Nina Orlow e Fatima Franco

Os 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável

Objetivo 1. ERRADICAÇÃO DA POBREZA

Acabar com a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares.

Objetivo 2. FOME ZERO E AGRICULTURA SUSTENTÁVEL

Acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável.

Objetivo 3. SAÚDE E BEM-ESTAR

Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades.

Objetivo 4. EDUCAÇÃO DE QUALIDADE

Assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos.

Objetivo 5. IGUALDADE DE GÊNERO

Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas às mulheres e meninas.

Objetivo 6. ÁGUA POTÁVEL E SANEAMENTO

Assegurar a disponibilidade e gestão sustentável da água e saneamento para todos.

Objetivo 7. ENERGIA LIMPA E ACESSÍVEL

Assegurar o acesso confiável, sustentável, moderno e a preço acessível à energia para todos.

Objetivo 8. TRABALHO DECENTE E CRESCIMENTO ECONÔMICO

Promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo e trabalho decente para todos.

Objetivo 9. INDÚSTRIA, INOVAÇÃO E INFRAESTRUTURA

Construir infraestruturas resilientes, promover a industrialização inclusiva e sustentável e fomentar a inovação.

Objetivo 10. REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES

Reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles.

Objetivo 11. CIDADES E COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS

Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis.

Objetivo 12. CONSUMO E PRODUÇÃO RESPONSÁVEIS

Assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis.

Objetivo 13. AÇÃO CONTRA A MUDANÇA GLOBAL DO CLIMA

Tomar medidas urgentes para combater a mudança do clima e seus impactos.

Objetivo 14. VIDA NA ÁGUA

Conservação e uso sustentável dos oceanos, dos mares e dos recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável.

Objetivo 15. VIDA TERRESTRE

Proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da terra e deter a perda de biodiversidade.

Objetivo 16. PAZ, JUSTIÇA E INSTITUIÇÃO EFICAZES

Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis.

Objetivo 17. PARCERIAS E MEIOS DE IMPLEMENTAÇÃO

Fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável.

Assim como ocorreu nas conquistas dos ODM - Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, (2000-2015) com esforços em várias dimensões para que muitas pessoas saíssem da pobreza, os ODS buscam ser ainda mais abrangentes, agora valendo para todos os países signatários a união de todos os setores, para cumprir as metas dos ODS estabelecidas até 2030.

Os ODS e suas metas são globais e universalmente aplicáveis, porém há necessidade de adequação a contextos e realidades diferentes, capacidades e níveis de desenvolvimento, bem como respeitando políticas e prioridades nacionais. Buscar a interdependência dos temas abordados e implementá-los de forma e visão integrada. As prioridades para se conquistar a sustentabilidade, só será possível se cada um de nós na sua função de atuação, tornar essa agenda um compromisso efetivo.

Como podemos implementar a Agenda 2030

No Brasil diversos parceiros se organizaram para dar suporte à sensibilização, articulação e mobilização dos governos e sociedade civil em prol da Agenda 2030. Alguns em continuidade ao trabalho que vinha sendo realizado com os ODM e outros se formaram a partir do estabelecimento da Agenda 2030.

http://www.agenda2030.com.br/contato.php

Também foi criada através da Port. 38/17 com a nomeação de representantes da Comissão Nacional de Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), instância colegiada paritária, de natureza consultiva e tem como finalidade acompanhar, internalizar, interiorizar e difundir o processo de execução da Agenda 2030.

www.secretariadegoverno.gov.br/noticias/2017/maio/representantes-da-comissao-nacional-de-ods-sao-nomeados

Já estamos no segundo ano da Agenda 2030 (2016 a 2030), ou seja, temos pouco mais de 13 anos para cumpri-la, sendo que diversas metas foram estabelecidas para 2020, 2025. Observa-se que muitas pessoas, governos, instituições, empresas, ainda desconhecem o seu conteúdo, questão fundamental para que os compromissos sejam alcançados. Desconhecem que se trata na prática de uma ótima ferramenta de gestão e um facilitador de ações.

Divulgar o conhecimento dos ODS, trazer à reflexão e envolver os governos e a sociedade para que incorporem os ODS é o primeiro passo. No âmbito local conhecer a situação quanto a indicadores de saúde, desigualdade, o IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) das escolas, a situação da igualdade de gênero, questões ligadas a água, energia, trabalho decente, agricultura sustentável, todas essas questões socioambientais possibilitam fazer melhor o planejamento de estratégias e ações.

https://brasilnaagenda2030.files.wordpress.com/2017/07/relatorio-luz-gtsc-brasil-hlpf2017.pdf

Os gestores de governos precisam incluir os ODS nos seus programas e planos orçamentários, dar transparência aos recursos e divulgar os resultados. É uma grande oportunidade de instituir comissão ou conselho paritário envolvendo todos os Secretários de governo e os cidadãos, as instituições e empresas, que devem participar ativamente , cobrando, acompanhando, e colaborando com os diálogos transversais, definição de prioridades e ações complementares.

http://localizingthesdgs.org/

http://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/presscenter/articles/2017/05/18/cnm-e-pnud-lan-am-guia-para-integra-o-dos-ods-nos-munic-pios-brasileiros-.html

As empresas internamente e com seus colaboradores e as instituições do terceiro setor e seus parceiros, também tem muitas possibilidades de integrar os ODS. Divulgar e potencializar transformações positivas nas atividades internas, aplicar os conceitos de sustentabilidade nos seus produtos, serviços ou processos, ter relacionamento

Por Nina Orlow e Fatima Franco

responsável com os colaboradores, clientes, usuários. É importante aplicar os ODS nos planos estratégicos e garantir o monitoramento de indicadores, avaliando sistematicamente os avanços de melhorias e resultados pretendidos e ajustando as estratégias, se necessário.

www.voluntariado.org.br/

https://nacoesunidas.org/onu-no-brasil/pacto-globalpnud/

As instituições de ensino, setores de comunicação e as diversas mídias sociais ou especializadas, tem papel fundamental na divulgação e práticas da Agenda 2030 e dos ODS. Implantar as estratégias integradas e aplicar o conhecimento para os diversos públicos permite potencializar a divulgação, ampliar oportunidades de aprendizagem, metas, indicadores, monitoramento e divulgação de resultados.

www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/presscenter/articles/2017/06/07/rede-ods-universidade-lan-ada-em-bras-lia.html

A importância de Boas Práticas e parcerias

Um dos aspectos relevantes dos ODS é o 17º Objetivo, que trata das parceiras. Atividades que envolvem grupos ou instituições em campanhas ou ações voluntárias para o bem estar coletivo, que valorizam a diversidade de opiniões para traçar estratégias de ação, que incluem diversas gerações na troca de saberes, que valorizam os jovens e suas experiências, organizações que visam as boas práticas ambientais e sociais, geram maior abrangência de resultados e a integração dos ODS possibilita maior garantia a continuidade e a sustentabilidade.

Essas iniciativas exitosas, que podem ser replicadas, precisam ter espaços para valorização e divulgação. Diversos sites ligados aos ODS oferecem essas oportunidades na forma digital, promovendo as parcerias e a visibilidade.

O Programa Benchmarking Brasil, edição 2017 contou com esse importante alinhamento, onde os cases, projetos e práticas inscritos foram solicitados a identificar um ou mais ODS de destaque. Isso incentivou o aprofundamento e a visão transversal da sustentabilidade em cada uma das iniciativas e ações organizadas e estruturadas pautadas nos ODS.

No âmbito das modalidades Benchmarking Júnior e Hackathon, a valorização dos jovens como protagonistas de transformação, apresentando projetos e aplicativos dos alunos de diversas instituições de ensino parceiras e propondo soluções de impacto positivo, com uma linguagem inovadora, foi muito motivador.

As apresentações das empresas participantes que evidenciaram o seu alinhamento com os principais ODS que atuam, mesmo não sabendo a classificação final no Ranking da edição conhecidos apenas no final do Bench Day 2017, transmitiram o verdadeiro resultado e sentimento de que Juntos e alinhados aos ODS, todos são vencedores.

Esse aspecto de inclusão, parceria, cooperação por um bem estar maior, uma sensação que contagiou a todos os presentes, e tornou o próprio evento BenchDay2017, com suas iniciativas alinhadas aos ODS, um case de sucesso, uma boa prática e uma referência na divulgação da Agenda 2030 e dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

Por Nina Orlow e Fatima Franco

Arranjos Produtivos	Educação e Comunicação	Emissões	Energia	Ferramentas e Políticas de Gestão	Manejo e Reflorestamento	Pesquisa e Desenvolvimento	Proteção e Conservação	Recursos Hídricos e Efluentes	Resíduos
1 ERRADICAÇÃO DA POBREZA	1 ERRADICAÇÃO DA POBREZA			1 ERRADICAÇÃO DA POBREZA		1 ERRADICAÇÃO DA POBREZA			
	2 FOME ZERO E AGRICULTURA SUSTENTÁVEL	2 FOME ZERO E AGRICULTURA SUSTENTÁVEL		2 FOME ZERO E AGRICULTURA SUSTENTÁVEL	2 FOME ZERO E AGRICULTURA SUSTENTÁVEL	2 FOME ZERO E AGRICULTURA SUSTENTÁVEL	2 FOME ZERO E AGRICULTURA SUSTENTÁVEL		
	3 SAÚDE E BEM-ESTAR	3 SAÚDE E BEM-ESTAR	3 SAÚDE E BEM-ESTAR	3 SAÚDE E BEM-ESTAR	3 SAÚDE E BEM-ESTAR	3 SAÚDE E BEM-ESTAR	3 SAÚDE E BEM-ESTAR	3 SAÚDE E BEM-ESTAR	3 SAÚDE E BEM-ESTAR
	4 EDUCAÇÃO DE QUALIDADE			4 EDUCAÇÃO DE QUALIDADE		4 EDUCAÇÃO DE QUALIDADE			
	5 IGUALDADE DE GÊNERO			5 IGUALDADE DE GÊNERO					
	6 ÁGUA POTÁVEL E SANEAMENTO			6 ÁGUA POTÁVEL E SANEAMENTO	6 ÁGUA POTÁVEL E SANEAMENTO		6 ÁGUA POTÁVEL E SANEAMENTO	6 ÁGUA POTÁVEL E SANEAMENTO	
7 ENERGIA LIMPA E ACESSÍVEL		7 ENERGIA LIMPA E ACESSÍVEL	7 ENERGIA LIMPA E ACESSÍVEL	7 ENERGIA LIMPA E ACESSÍVEL		7 ENERGIA LIMPA E ACESSÍVEL		7 ENERGIA LIMPA E ACESSÍVEL	
	8 TRABALHO DECENTE E CRESCIMENTO ECONÔMICO		8 TRABALHO DECENTE E CRESCIMENTO ECONÔMICO	8 TRABALHO DECENTE E CRESCIMENTO ECONÔMICO		8 TRABALHO DECENTE E CRESCIMENTO ECONÔMICO			
9 INDÚSTRIA, INOVAÇÃO E INFRAESTRUTURA	9 INDÚSTRIA, INOVAÇÃO E INFRAESTRUTURA	9 INDÚSTRIA, INOVAÇÃO E INFRAESTRUTURA	9 INDÚSTRIA, INOVAÇÃO E INFRAESTRUTURA	9 INDÚSTRIA, INOVAÇÃO E INFRAESTRUTURA		9 INDÚSTRIA, INOVAÇÃO E INFRAESTRUTURA		9 INDÚSTRIA, INOVAÇÃO E INFRAESTRUTURA	9 INDÚSTRIA, INOVAÇÃO E INFRAESTRUTURA
	10 REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES			10 REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES		10 REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES			
	11 CIDADES E COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS	11 CIDADES E COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS	11 CIDADES E COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS	11 CIDADES E COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS		11 CIDADES E COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS	11 CIDADES E COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS	11 CIDADES E COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS	11 CIDADES E COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS
12 CONSUMO E PRODUÇÃO RESPONSÁVEIS	12 CONSUMO E PRODUÇÃO RESPONSÁVEIS		12 CONSUMO E PRODUÇÃO RESPONSÁVEIS	12 CONSUMO E PRODUÇÃO RESPONSÁVEIS	12 CONSUMO E PRODUÇÃO RESPONSÁVEIS	12 CONSUMO E PRODUÇÃO RESPONSÁVEIS	12 CONSUMO E PRODUÇÃO RESPONSÁVEIS		12 CONSUMO E PRODUÇÃO RESPONSÁVEIS
	13 AÇÃO CONTRA A MUDANÇA GLOBAL DO CLIMA	13 AÇÃO CONTRA A MUDANÇA GLOBAL DO CLIMA	13 AÇÃO CONTRA A MUDANÇA GLOBAL DO CLIMA	13 AÇÃO CONTRA A MUDANÇA GLOBAL DO CLIMA	13 AÇÃO CONTRA A MUDANÇA GLOBAL DO CLIMA	13 AÇÃO CONTRA A MUDANÇA GLOBAL DO CLIMA	13 AÇÃO CONTRA A MUDANÇA GLOBAL DO CLIMA	13 AÇÃO CONTRA A MUDANÇA GLOBAL DO CLIMA	13 AÇÃO CONTRA A MUDANÇA GLOBAL DO CLIMA
	14 VIDA NA ÁGUA	14 VIDA NA ÁGUA		14 VIDA NA ÁGUA	14 VIDA NA ÁGUA	14 VIDA NA ÁGUA	14 VIDA NA ÁGUA	14 VIDA NA ÁGUA	14 VIDA NA ÁGUA
	15 VIDA TERRESTRE	15 VIDA TERRESTRE		15 VIDA TERRESTRE	15 VIDA TERRESTRE	15 VIDA TERRESTRE	15 VIDA TERRESTRE	15 VIDA TERRESTRE	15 VIDA TERRESTRE
	16 PAZ, JUSTIÇA E INSTITUIÇÕES EFICAZES			16 PAZ, JUSTIÇA E INSTITUIÇÕES EFICAZES					
	17 PARCERIAS E MEIOS DE IMPLEMENTAÇÃO			17 PARCERIAS E MEIOS DE IMPLEMENTAÇÃO					

(*) Quadro das temáticas gerenciais dos Cases, Projetos e APPs certificados pelo Programa Benchmarking e as conexões de cada temática com os ODS.
www.benchmarkingbrasil.com.br

Por Nina Orlow e Fatima Franco

Nina Orlow, Arquiteta e Urbanista, pós graduada em Construções Sustentáveis, Integrante do Movimento Estadual pelos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável - São Paulo, Integrante da Aliança Resíduo Zero Brasil e da Rede Nossa São Paulo - GT Meio Ambiente.

Fatima Franco, Consultora, Bacharel em Letras com Pós Graduação em Gestão Empresarial, Integrante do Movimento Estadual pelos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável - São Paulo.

Cases e Projetos Certificados 2017 alinhados com os ODS

Plantas Medicinais - Itaipu Binacional (PR)

Educonex@o - Instituto NET Claro Embratel (SP)

Voltália Energia - Agua e Renda (RJ)

Prédio Energia Zero - SEBRAE (MT)

Jovem Sustentável Aprendiz - Fundação Alphaville (SP)

BMS – Uma Solução Inteligente – Instituto do Câncer (SP)
Redução da Pegada de Resíduos - Alumar (MA)
Cola de Bituca - Alunos Senai SP
Pigmentos de Pilhas Exauridas - Alunos do Centro Paula Souza
Plástico Comestível - Alunos do Centro Paula Souza
Selante de Goma - Alunos Senai

Programa Linha Livre - Copel GET (PR)

Programa Vivendo e Aprendendo - CHESF (PE)

Sustentarte Pallets - Colorado Máquinas (SP)
Viveiros Comunitários - Kinross Brasil (MG)
Alerta - Alunos Senai SP
Freya - Alunos Uninove
Rede Verde - Alunos Uninove
Terios Saviour - Alunos FATEC
Zanki Business - Alunos Senai

Campanha pró Código Florestal - Cargill Agrícola (SP)
Coleta Segura - Aurora Alimentos (SC)
Papel Zero - Agência Nacional de Águas (DF)
Programa de Gestão Sustentável - SEBRAE (MT)
Projeto Paxuá e Paramim - Neoenergia (RJ)

Plantio Social Murtura - VLI Multimodal (MG)

Calendário 2017

Fóruns de Sustentabilidade são encontros presenciais itinerantes e em parceria com Universidades, Escolas Técnicas, Instituições Representativas e Governamentais para compartilhar visões e soluções sustentáveis em alinhamento com os ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável) da Agenda 2030 da ONU.

A programação contempla convidados especiais e exposição de cases, projetos e APPs certificados pelo Programa Benchmarking na ultima edição. Participação gratuita com emissão de certificado digital aos que comparecem. **Parceiros 2017:** ABRAPS, TRF3, Universidades: Anhembi Morumbi, Mackenzie, ESPM, e as Escolas Técnicas Centro Paula Souza e SENAI SP. Já foram realizados 5 Fóruns e Bench Day. No segundo semestre teremos outros 3 Fóruns, totalizando 9 eventos presenciais em 2017, todos abertos e gratuitos.

ODS - Objetivos do Desenvolvimento Sustentável - Virada Sustentável SP - 25/08 - TRF3

Inovações e Práticas de Excelência em Proteção e Conservação - 09/02 - TRF3

Inovações e Práticas de Excelência em Resíduos e Emissões - 09/03 - SENAI SP

Inovações e Práticas de Excelência em Emissões - 18/05 - CPS

Inovações e Práticas de Excelência em Energia e Recursos Hídricos - 06/04 - Anhembi Morumbi

socioambientalonline.com.br

Tudo sobre Sustentabilidade

Conteúdos
Banco Digital
Agenda
Artigos
Textos
Lives
News
Vídeos

Portal de conteúdos socioambientais produzidos e compartilhados por quem trabalha e atua na área

MAIS PROJETOS CORPORATIVOS

Gestão e Educação
Socioambiental

www.maisprojetos.com.br www.institutomais.com.br

INSTITUTO mais
Mais Atitude Instituto Socioambiental

MAIS
Cultura de Sustentabilidade

Benchmarking Brasil

Selo de Sustentabilidade

benchmarkingbrasil.com.br

Inscrição de Cases - Janeiro a Março de 2018

Ranking Benchmarking

Os Melhores da Gestão Socioambiental Brasileira

Legítimos
da
Sustentabilidade